

PARQUE TECNOLÓGICO DE PONTA GROSSA: UM AMBIENTE QUE NECESSITA DE QUALIDADE NA GESTÃO

PONTA GROSSA TECHNOLOGICAL PARK: AN ENVIRONMENT WHICH REQUIRES QUALITY MANAGEMENT

Gilberto Zammar¹; João Luiz Kovaleski²; Silvia Gaia Zanetti³

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Ponta Grossa – Brasil
zammar@utfpr.edu.br

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Ponta Grossa – Brasil
kovaleski@utfpr.edu.br

³Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Ponta Grossa – Brasil
gaia@utfpr.edu.br

Resumo

Os Parques Tecnológicos são instituições que se localizam na fronteira de dois mundos distintos, pois pretendem disponibilizar espaços que abrigam simultaneamente empresas de bases tecnológicas e inovadoras, reguladas pela lógica de mercado; e instituições de fomento, pesquisa, ciência e tecnologia que possuem políticas relacionadas à educação e produção do conhecimento científico. São experiências distintas, com culturas e hábitos diferentes que irão conviver no mesmo espaço de desenvolvimento, mas principalmente deverão estabelecer um ambiente de integração e cooperação. Vencer este paradigma de conflitos entre o acadêmico e o empresarial é o primeiro desafio para a implantação de Parques Tecnológicos. Estes parques deverão absorver as incubadoras de empresas de base tecnológica, caracterizadas pela inovação tecnológica, pelo conteúdo tecnológico de seus produtos, processos e serviços. Este trabalho apresenta uma pesquisa exploratória em periódicos, visando identificar fatores de sucesso e práticas de qualidade na gestão deste empreendimento. Os resultados desta pesquisa mostram os fatores de sucesso de um parque tecnológico, os esforços feitos pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa para a implantação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa, e traz os Fundamentos da Excelência na gestão, que expressam conceitos reconhecidos internacionalmente e que se traduzem em práticas encontradas em organizações líderes de Classe Mundial. São valores organizacionais facilmente percebidos como parte de uma cultura organizacional, sendo praticados por seus líderes e profissionais de todos os níveis. Identificar estes valores é considerado como fundamental para formar uma cultura de gestão voltada para resultados, pois assim será possível unir os atores envolvidos no projeto visando a consolidação desta iniciativa.

Palavras-chave: Parque Tecnológico, Qualidade, Inovação, Transferência de Tecnologia.

1. Introdução

Parques Tecnológicos são ambientes de inovação. Como tal, instrumentos implantados em países desenvolvidos e em desenvolvimento para dinamizar economias regionais e nacionais, agregando-lhes conteúdo de conhecimento. Com isso essas economias tornam-se mais competitivas no cenário internacional e geram empregos de qualidade, bem-estar social, além de impostos.

O Brasil, como outros países em desenvolvimento ou desenvolvimento tardio, despertaram recentemente para a importância da inovação tecnológica. Nos últimos anos, vários instrumentos têm sido criados e implementados neste sentido. Fundos Setoriais, Lei da Inovação, Incentivos Fiscais etc. foram iniciativas do governo federal para ampliar o leque de opções e dar concretude a essa política. São contribuições recentes, orientadas para mudar a percepção – e a prática - da inovação (STEINER, 2008).

Aliando-se a essas novas formas de apoio à inovação, Parques Tecnológicos são *ambientes de inovação*. Neste sentido, eles são um instrumento que visa transformar conhecimento em riqueza; eles devem ser constituídos e estruturados com essa clara e específica missão. A criação de parques tecnológicos no Brasil preencherá a lacuna existente e, neste sentido, se faz mais necessário aqui do que nos países que já possuem uma estrutura bimodal prévia.

No Brasil é interessante lembrar que as primeiras incubadoras originaram-se de uma iniciativa do Governo Federal, mais precisamente do CNPq, em 1984/1985. Estabeleceram-se os embriões de algumas incubadoras espalhados pelo País (em Campina Grande - Paraíba, em Santa Maria - Rio Grande do Sul, em São Carlos e no Rio de Janeiro) todos com recursos públicos e apoiados no conhecimento gerado por universidades públicas. Com a difusão dessas iniciativas por outras cidades criou-se, em 1987, a ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores) que tem por objetivo apoiar a instituição e a articulação de Parques e Incubadoras (STEINER, 2008).

Os objetivos deste estudo são:

- Identificar fatores decisivos para o sucesso de um Parque Tecnológico, que devem ser discutidos na fase de implantação;
- Relatar os esforços feitos pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa visando a implantação do parque tecnológico de Ponta Grossa;
- Identificar práticas de qualidade na gestão que devem ser implementadas em ambientes de inovação deste porte.

Este trabalho se justifica devido ao grande impacto que será gerado a partir de sua implantação, impacto este que não se resume apenas em tecnologia, mas sim em técnicas e produtos

inovadores e principalmente em modelos de gestão inovadores, trazendo uma inovação no comportamento dos atores envolvidos neste projeto, pois pretendem conviver em um mesmo espaço três setores totalmente distintos: Governo, Empresa e Universidade.

2. Transferência de Tecnologia

Em 1968, Jorge Sábato e Natalio Botana descreveram o papel da cooperação universidade-empresa na inovação tecnológica e a sua relevância para o desenvolvimento econômico e social da América Latina.

Segundo Plonski (1995), os dois pesquisadores propuseram que para a superação do subdesenvolvimento da região, fosse realizada uma ação decisiva no campo da pesquisa científico-tecnológica. A proposta estava baseada em quatro pilares:

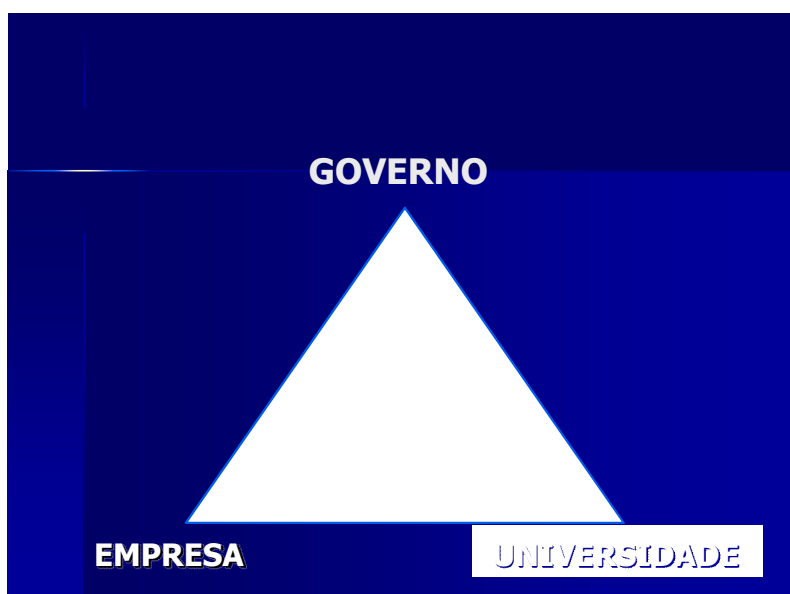
- (a) O processo de absorção de tecnologia seria mais eficiente se o receptor possuísse uma sólida infra-estrutura de ciência e tecnologia;
- (b) A especificidade das condições de cada receptor para conseguir uma absorção mais inteligente dos fatores de produção;
- (c) A necessidade de comercializar bens com maior valor agregado;
- (d) Ciência e tecnologia são catalisadores da mudança social.

Relata Plonski (1995), que em estudos prospectivos tendo como visão os anos 2000, Sábato e Botana lançavam a idéia que o desenvolvimento científico e tecnológico não deveria ficar alheio a região em que ele estava inserido. Visando isto, a inserção da ciência e tecnologia era condição essencial para o processo de desenvolvimento. Esse processo resultaria da ação múltipla e coordenada de três setores primordiais para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas: o governo, a empresa e a universidade.

Esse relacionamento foi representado graficamente por meio de um triângulo, mostrado na figura 1, com o governo ocupando o vértice superior enquanto a estrutura produtiva e a infra-estrutura científico-tecnológica ocupavam os vértices da base. Nascia o Triângulo de Sábato.

Neste triângulo, ocorrem três tipos de ações: intra-relações (entre os componentes de cada vértice), inter-relações (os que se estabelecem deliberadamente entre pares de vértices) e extra-relações (as que se criam entre uma sociedade e o exterior). Plonski (1995, p. 35) menciona que: *“as inter-relações se afiguram como as mais interessantes de serem exploradas”*, mencionando o *“caráter fundamental das inter-relações de tipo-horizontal – entre a infra-estrutura científico-tecnológica e a estrutura produtiva”*.

Figura 1 – Triângulo de Sábato



Fonte: Autoria própria

Essas relações constituem a base do triângulo e são as mais difíceis de estabelecer.

Observa-se, portanto, que há mais de 30 anos, Sábato e Botana destacaram a necessidade de universidade e empresa interagirem, como condição fundamental para o desenvolvimento da sociedade.

Assim o Triângulo de Sábato torna-se o referencial para a Transferência de Tecnologia.

Um trabalho realizado pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná – FIEP, chamado Sondagem Industrial 2008/2009, mostra uma série de dados relativos a inovação tecnológica e ambiente industrial. A tabela 1 mostra o comportamento industrial onde para 30,66% das empresas a gestão do relacionamento com Universidades e centros de pesquisa, não se aplica, e mais, ao somar a estas, as empresas onde a resposta é muito pouco e pouco este percentual sobe para 54,9% mostrando que a aplicação do Triângulo de Sábato é bastante desafiadora, diz se desafiadora porque não deve ser um fator de desânimo mas sim um fator motivacional para a implantação do triângulo através do Parque Tecnológico.

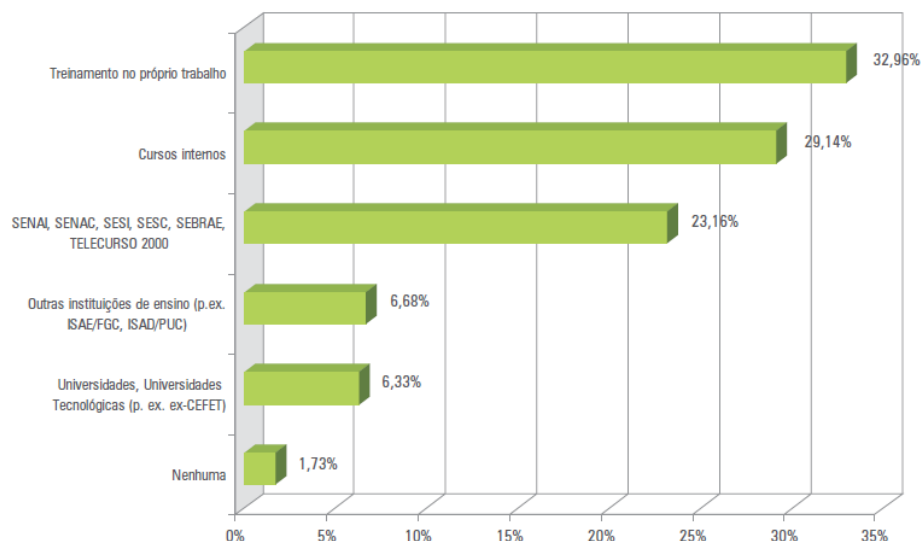
Tabela 1 – Comportamento industrial

	Muito bem	Bem	Regular	Pouco	Muito pouco	Não se aplica
Planejamento Estratégico tecnológico	7,84%	27,99%	21,93%	8,56%	4,46%	12,66%
Gestão da Propriedade Intelectual/Industrial	5,35%	22,28%	18,89%	10,52%	5,88%	18,72%
Prospecção Tecnológica / Monitoramento	5,17%	22,99%	23,89%	8,91%	5,88%	15,33%
Gestão de Projetos de P&D	6,06%	26,38%	18,00%	7,66%	5,88%	18,18%
Gestão do relacionamento com Universidades e (ou) centros de pesquisa	3,03%	10,16%	14,26%	11,23%	13,01%	30,66%
Gestão de fomentos/incentivos públicos	1,43%	6,06%	9,63%	10,34%	13,55%	40,46%
Gestão de normas e regulamentos técnicos	8,38%	22,10%	19,25%	8,38%	7,31%	17,65%
Gestão de Design	7,13%	15,86%	15,69%	10,16%	6,95%	26,56%

“A Gestão de fomentos/incentivos públicos ‘não se aplicam’ em 40,46% das indústrias paranaenses.”

Fonte: Sondagem Industrial FIEP (2008/2009)

Gráfico 1 – Treinamento dos funcionários



“32,96% dos entrevistados têm treinamento no próprio local de trabalho.”

Fonte: Sondagem Industrial FIEP (2008/2009)

Analisando os dados do gráfico 1 , comprova-se esta falta de ligação entre as empresas e as universidades, pois apenas 6,33% das empresas paranaenses utilizam as universidades para treinamento de seus funcionários, lembrando que nestes 6,33% esta incluído o antigo Cefet que possui um braço de relações empresariais muito mais estruturado e com muito mais parcerias com as empresas do que uma universidade tradicional, mostrando um panorama ainda mais desafiador para ser conquistado, enfatizando a necessidade da inovação nas atitudes de todos os parceiros no empreendimento.

3. Fatores decisivos para o sucesso de um Parque Tecnológico

Nesta seção será feita uma pesquisa em âmbito nacional, como uma das missões de um Parque Tecnológico é fomentar e propiciar o desenvolvimento regional, fica evidenciado que os fatores decisivos para o sucesso de um Parque tecnológico deverão ser verificados em território brasileiro, sob as leis e projetos de incentivo e atração de novas empresas de base tecnológica no Brasil.

Para tanto será usado o Portfólio de Parques Tecnológicos 2008 realizado pela ANPROTEC.

Segundo dados constantes do Portfólio, nota-se que os fatores decisivos para o sucesso de um Parque tecnológico são:

- a) Localização;
- b) Foco;
- c) Natureza Jurídica;
- d) Critérios de Admissão;
- e) Incubação;
- f) Posse do Terreno;
- g) Setores Presentes.

3.1. Localização

Segundo Oliveira (2008), na discussão de questões estritamente físicas dos Parques Tecnológicos, a primeira e mais fundamental decisão é a localização. Em pesquisa realizada em 2007 pela IASP – Associação Internacional de Parques Tecnológicos – junto aos seus associados, o segundo fator mais citado como relevante para o sucesso de um Parque Tecnológico é a localização. Em outras palavras, é importante decidir qual será o terreno em que o Parque Tecnológico se

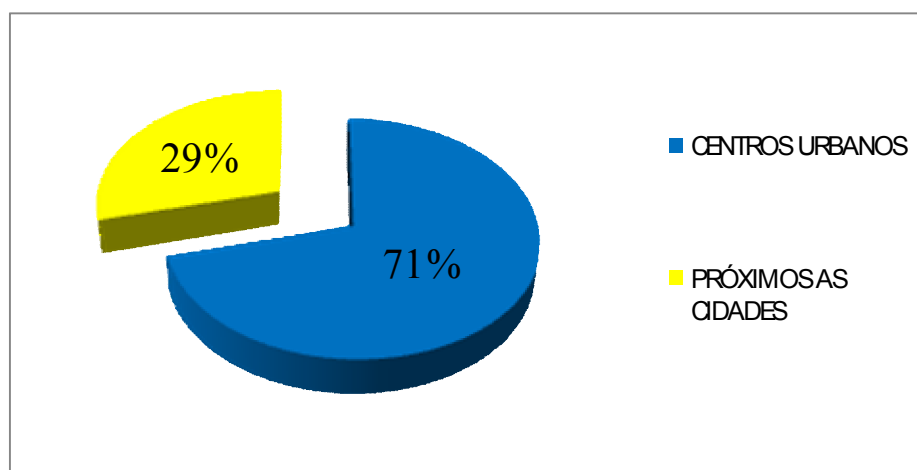
constituirá.

A identidade física do empreendimento é muito importante. Os dados mais recentes IASP também mostram que 66% dos Parques filiados são parques urbanos e outros 27% estão próximos dos centros urbanos, ou seja, os Parques são empreendimentos típicos das cidades.

Essa característica é condizente com as tendências do desenvolvimento econômico e social das metrópoles. As aglomerações urbanas, além de aumentarem cada vez mais a “densidade da demanda”, pois concentram geograficamente pessoas e renda, demandam cada vez mais produtos e serviços altamente especializados, ou em outras palavras, cada vez mais inovadores. Assim, a produção de Commodities tende a se afastar dos centros urbanos, enquanto que a produção dos setores intensivos em tecnologia e conhecimento científico tende a se aproximar das grandes cidades (OLIVEIRA, 2008).

Ainda neste contexto tem-se a presença da instituição de ensino próximo ao Parque e dentro dos centros urbanos. O Gráfico 2 mostra a localização dos Parques brasileiros, onde 71% dos Parques encontram-se nos centros urbanos e 29% próximos das cidades, indo de encontro com a pesquisa do IASP.

Gráfico 2 – Localização dos Parques Tecnológicos



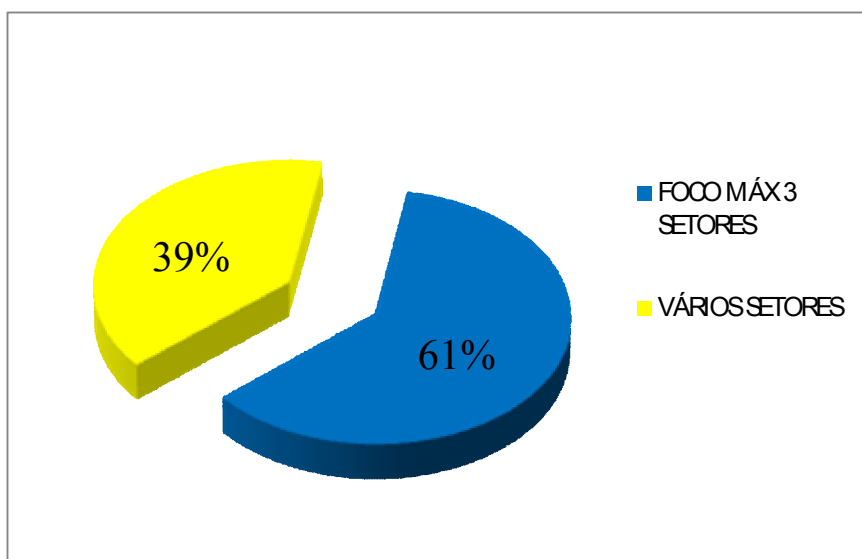
Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

3.2. Foco

A maioria dos Parques, 61%, são relativamente especializados, priorizando no máximo 3 setores, como mostra a Gráfico 3, fato que pode ser tomado como um fator de escolha para o industrial e o investidor na definição da região e do Parque que irá abrigar o seu empreendimento, um Parque focado, possui mecanismos de fomento bem desenvolvidos no foco, possibilitando

muito mais oportunidades de sucesso, pois as experiências vão sendo continuamente aprimoradas e compartilhadas pelas empresas instaladas, criando um “Know How” neste foco.

Gráfico 3 – Foco dos Parques Tecnológicos

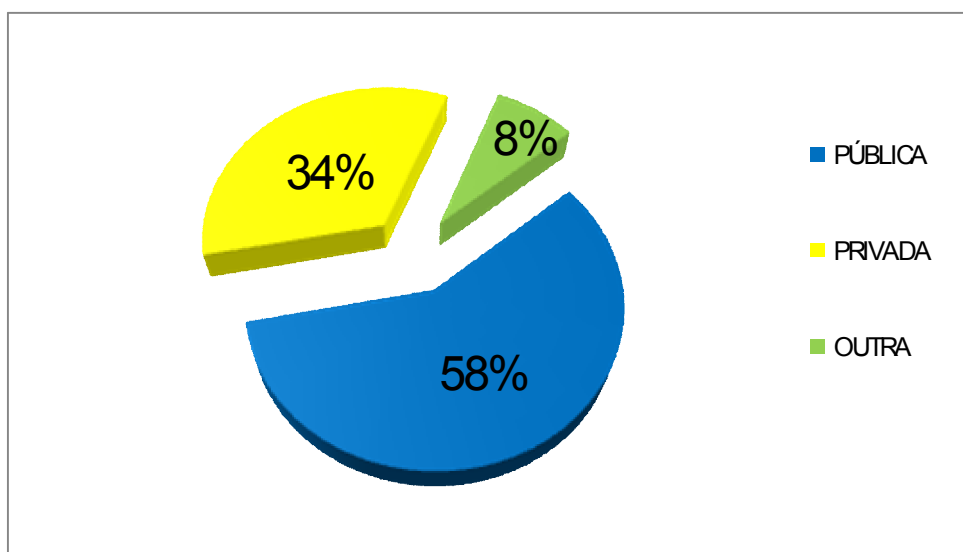


Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

3.3. Natureza Jurídica

Um dos maiores méritos da implantação de um Parque Tecnológico é com certeza o desenvolvimento regional que é alavancado, este pensamento e esta missão estão fortemente ligados as Prefeituras Municipais que buscam formas de direcionar investimentos visando o desenvolvimento regional.

Gráfico 4 – Natureza Jurídica dos Parques Tecnológicos



Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

Na primeira vista do Gráfico 4, tem-se uma natureza jurídica privada em torno de 58% dos

Parques tecnológicos do Brasil, número que vai contra esta tendência das prefeituras, porém em uma análise mais detalhada, viu-se que nestes 58% estão incluídas as Fundações e Agências de Fomento, que apesar de terem a Natureza Jurídica Privada, possuem como maiores acionistas, isto é, com poder de decisão as próprias Prefeituras Municipais.

Tornando assim estes números perfeitamente dentro da realidade instalada hoje no Brasil, onde quase 100% dos Parques Tecnológicos surgiram de uma iniciativa Pública.

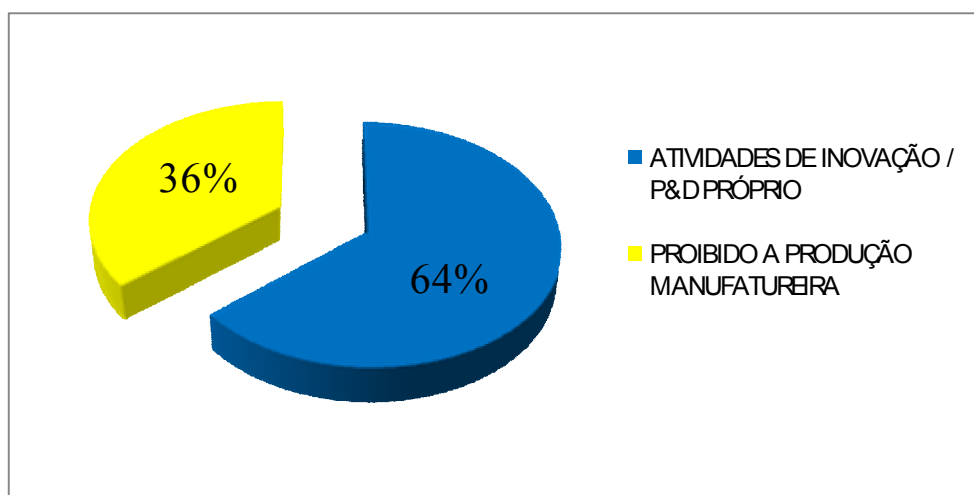
Vale ressaltar que esta Natureza Jurídica feita na forma de Fundações e Agência de fomento torna a administração do parque mais ágil e menos burocrática, e ainda assim possui seus mecanismos de controle, visando à boa administração evitando o desperdício e práticas ilícitas.

3.4. Critérios de Admissão

Este fator se bem entendido e bem usado tem a função de diferenciar um Parque Tecnológico de um Distrito Industrial, fato que é primordial para o sucesso do Parque, pois a função destes empreendimentos é muito distinta desde a essência até a operacionalização.

O Gráfico 5 mostra que 64% dos Parques Tecnológicos possuem como critério de admissão empresas que tenham atividades de inovação/pesquisa e desenvolvimento próprio e os 36% restantes proíbem a produção manufatureira. Este é um critério válido, mas existem outras alternativas como o modelo do PTI – Parque Tecnológico de Itaipu, onde uma empresa que pleiteia a entrada no Parque, além destes critérios acima deve mostrar toda a rede de interação que a mesma terá com as empresas já instaladas no Parque, mostrando claramente a maneira que vai se corresponder, interagir e alavancar o desenvolvimento de suas coirmãs.

Gráfico 5 –Critérios de Admissão nos Parques Tecnológicos



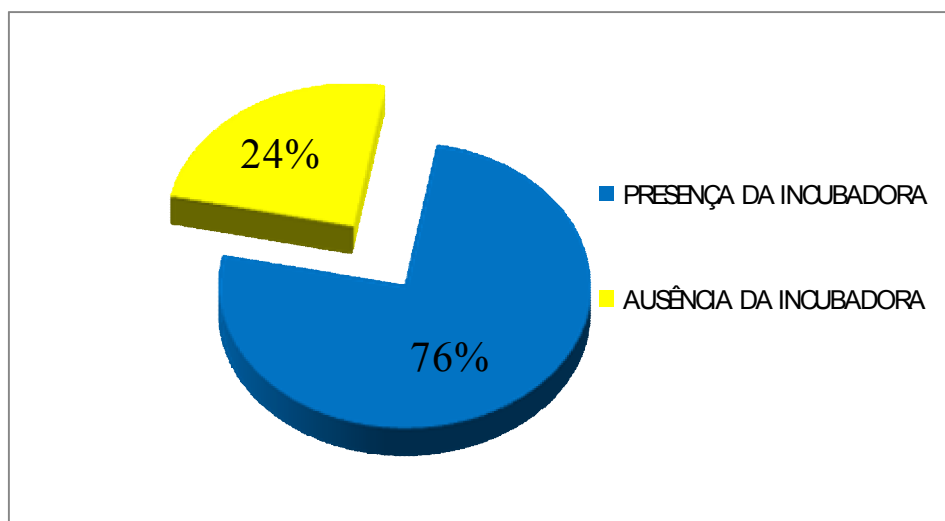
Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

3.5. Incubação

O Gráfico 6 mostra que em 76% dos Parques Tecnológicos existem atividades de incubação de empresas, fato este que é essencial para o sucesso de um Parque, pois na própria definição de Parque Tecnológico existe a presença de uma instituição “Ancora” a Universidade, pela presença dos pesquisadores, mas principalmente pela presença e desenvolvimento da Mão de obra qualificada que será absorvida pelo Parque.

Destas instituições é que surgirão as ideias de novos produtos, novas empresas de base tecnológica que serão incubadas e fomentadas dentro do Parque. Este caminho, partindo da escola passando pela incubadora e só após sendo instalado no Parque é fundamental para o sucesso, sendo a ideia criada na escola, amadurecida e melhorada na incubadora e somente após este período passa a ser instalada no Parque.

Gráfico 6 – Incubadora Tecnológica nos Parques Tecnológicos



Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

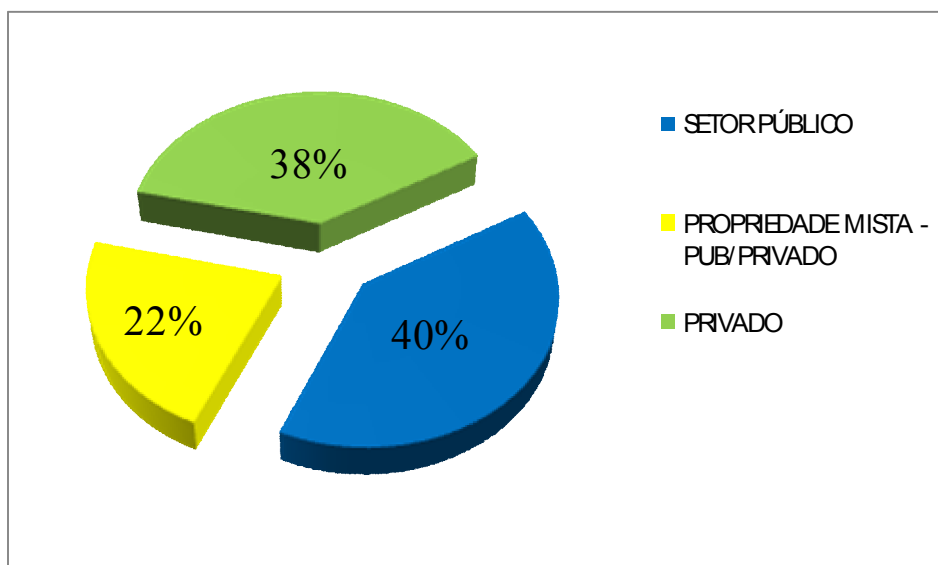
3.6. Posse do Terreno

Neste fator existe uma divisão quase equilibrada dentre as 3 formas de posse, conforme o Gráfico 7 tem-se 40% dos Parques com a posse do terreno sendo do Setor Público, fato que é benéfico, pois evita a doação da área e um futuro mau aproveitamento do Parque, onde nem toda área é utilizada, e uma vez feita à doação do terreno torna-se muito difícil a recuperação da quantia

não utilizada, assim pode ser feita a locação do terreno e se locatário decidir não utilizar ou retirar-se do empreendimento, esta recuperação da área é automática.

Existe ainda neste modelo de locação um revés que é o fato de as instituições financiadoras exigem a propriedade do terreno como garantia dos contratos de financiamento, porém, não se pode desprezar que as idéias incubadas no Parque possam potencial de atrair investidores com a possibilidade de capital próprio para a construção da estrutura para a implantação da indústria. Assim tem-se uma proteção contra uma eventual “especulação imobiliária” dentro do Parque.

Gráfico 7 –Posse do Terreno nos Parques Tecnológicos

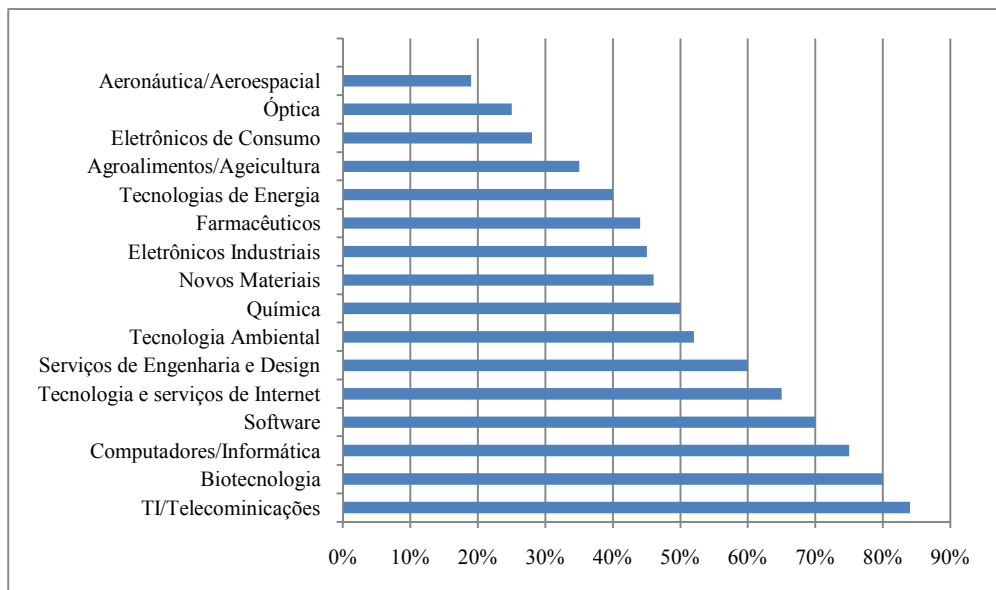


Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

3.7. Setores Presentes

Os setores presentes nos Parques Tecnológicos deveriam ser definidos no Foco do Parque. O Gráfico 8 mostra os setores mais contemplados nos Parques brasileiros podendo ser usado no momento de definição do foco, fato que pode ser escolhido 3 ou 4 setores conforme a região de instalação do Parque. Nota-se que os setores de telecomunicações e informática dominam a base do gráfico com uma presença substancial nos empreendimentos.

Gráfico 8 – Setores Presentes nos Parques Tecnológicos



Fonte: Adaptado de Anprotec (2008)

4. Linha do Tempo

Nesta seção será demonstrado o caminho percorrido pelas instituições que são parceiras no projeto de implantação do parque tecnológico de Ponta Grossa, até os tempos atuais.

Figura 2 – Linha do Tempo



Fonte: Autoria própria

A figura 2 mostra uma seqüência de ações inovadoras a partir da criação do CEFET/PR unidade de Ponta Grossa, no início dos anos 90, que marcou a primeira fase do Parque Tecnológico, seguindo com a fundação da incubadora tecnológica, a transformação do CEFET em UTFPR, a

ligação rodoviária da UEPG e a UTFPR através da construção do contorno leste e culmina com o projeto de implantação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa, não é coincidência que nestes atos descritos acima, onde a responsabilidade de execução foi do poder público municipal, o atual prefeito Pedro Wosgrau Filho esteve a frente da prefeitura em 3 mandatos, em todos eles tendo uma visão inovadora e de longo prazo que projetos desta magnitude requerem.

5. Ações da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

Em 1992 a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa adquiriu o terreno chamado na época de Chácara Thiellen onde estava instalado o antigo Seminário Redentorista, a área total é de aproximadamente 721.000 m², já vislumbrando a criação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa, deste total foram doados ao CEFET/PR unidade de Ponta Grossa cerca de 121.000 m², deixando o restante do terreno para a continuidade da instalação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa, neste período vieram vários prefeitos que não compartilhavam da mesma linha de pensamento e o terreno teve vários projetos de utilização, desde a implantação de secretarias de governo até a doação para um loteamento de casas populares.

A Prefeitura Municipal de Ponta Grossa vem desenvolvendo ações no sentido de viabilizar a implantação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa. Para isso, criou junto a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, o Departamento de Ciência e Tecnologia, que deverá ser um órgão dentro da estrutura da prefeitura que promovera a integração entre o setor produtivo e a academia.

Em 2006, foi estabelecido um grupo de trabalho formado pela Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Qualificação Profissional, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Universidade Tecnológica de Ponta Grossa – UTFPR, Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa – ACIPG, Coordenadoria Regional da FIEP, Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE, União Sistemas de Ensino – Faculdade União, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Ponta Grossa – cDESPONTA, Incubadora Tecnológica de Ponta Grossa – INTECPONTA, Núcleo Setorial de Tecnologia de Informação – NSTI e SEBRAE, a fim de tomar medidas e ações visando à implantação do Parque Tecnológico de Ponta Grossa.

Em 2009, foram feitas visitas aos Parques Tecnológicos de Campinas, São Carlos, Foz do Iguaçu, Cascavel e ao Porto Digital em Recife, a fim de buscar as experiências desenvolvidas nos parques destas cidades.

Agora o projeto do Parque Tecnológico encontra-se na fase de levantamento de custos e projetos, para que sejam pleiteadas verbas para a infraestrutura necessária a implantação do mesmo.

6. Qualidade e Excelência na Gestão

Conforme mostrado na seção 3, pode-se notar que dentre os sete fatores de sucesso de um Parque Tecnológico, no mínimo cinco destes fatores estão diretamente ligados a gestão do Parque, portanto é um setor que exige bastante esforço e dedicação.

Ficou definido pelo grupo gestor, que a entidade que será responsável pela gestão do parque tecnológico de Ponta Grossa é a AFEPON – Agência de Fomento de Ponta Grossa, que já possui em seu estatuto todas as prerrogativas necessárias para esta tarefa. A seguir será mostrado um apanhado sobre qualidade na gestão, a partir de dados da Fundação Nacional da Qualidade, visando o sucesso desta iniciativa que está envolvendo todos os setores da sociedade de Ponta Grossa.

Os Fundamentos da Excelência expressam conceitos reconhecidos internacionalmente e que se traduzem em práticas encontradas em organizações líderes de Classe Mundial. São valores organizacionais facilmente percebidos como parte de uma cultura organizacional, sendo praticados por seus líderes e profissionais de todos os níveis. Identificar estes valores é considerado como fundamental para formar uma cultura de gestão voltada para resultados, tais como:

1. Pensamento sistêmico
2. Aprendizado organizacional
3. Cultura de inovação
4. Liderança e constância de propósitos
5. Orientação por processos e informações
6. Visão de futuro
7. Geração de valor
8. Valorização das pessoas
9. Conhecimento sobre o cliente e o mercado
10. Desenvolvimento de parcerias
11. Responsabilidade social

Os Critérios de Excelência da FNQ constituem um modelo sistêmico da gestão adotado por inúmeras organizações de Classe Mundial. São construídos sobre uma base de fundamentos essenciais à obtenção da excelência do desempenho. Os *Critérios de Excelência* compõem o Modelo de Excelência da Gestão® que é constituído por oito critérios (Liderança, Estratégias e Planos, Clientes, Sociedade, Informações e Conhecimento, Pessoas, Processos e Resultados) e que se subdividem em 24 itens de requisitos (18 representando os aspectos das práticas de gestão da organização e seis de resultados alcançados). Os *Critérios de Excelência* da FNQ incorporam em seus requisitos as técnicas mais atualizadas e bem-sucedidas de administração de organizações. O

processo de atualização destes critérios é considerado como referencial (benchmark) para outras organizações nacionais e internacionais que administram prêmios voltados para a excelência da gestão. Utilizando os *Critérios de Excelência* como referência, uma organização pode realizar uma autoavaliação.

O Modelo de Excelência da Gestão® reflete a experiência, o conhecimento e o trabalho de pesquisa de muitas organizações e especialistas, do Brasil e do exterior, durante os quinze anos de existência da FNQ - Fundação Nacional da Qualidade. Em função da sua flexibilidade, da simplicidade da linguagem utilizada e, principalmente, por não prescrever ferramentas e práticas de gestão específicas, o Modelo é útil para avaliação, diagnóstico e orientação de qualquer tipo de organização, no setor público ou privado, com ou sem finalidade de lucro e de porte pequeno, médio ou grande. Ou seja, o Modelo de Excelência da Gestão® permite que todas as organizações tenham uma visão sistêmica da gestão organizacional. O Modelo é concebido tendo como base os Fundamentos da Excelência e compreende oito Critérios de Excelência, sendo que cada um dos critérios é o desdobramento de um fundamento.

1. Liderança
2. Estratégias e Planos
3. Clientes
4. Sociedade
5. Informações e Conhecimento
6. Pessoas
7. Processos
8. Resultados

A incorporação dos Fundamentos da Excelência às operações da organização, de maneira continuada e em consonância com seu perfil e suas estratégias, é enfatizada pelo Modelo, onde todos os Critérios relacionam-se de forma harmônica e integrada, voltados para a geração de resultados.

7. Considerações Finais

No ponto em que se encontra o projeto, todos os esforços que cabem a Prefeitura Municipal estão sendo feitos, desde recursos humanos até financeiros estão sendo buscados na intenção da implantação do empreendimento.

Cabe agora aos demais parceiros envolvidos no projeto direcionarem seus esforços no sentido da aplicação da qualidade na gestão, pois a união destes atores com formações diferentes e

interesses diferentes, necessita de qualidade em todos os setores, mas na gestão do empreendimento deve ser buscada a excelência.

É importante que o projeto do Parque se torne forte, para que futuros prefeitos vejam no parque um aliado no desenvolvimento e continuem a investir na estruturação e permanente crescimento deste ambiente de inovação.

Abstract

Technological Parks are institutions that are located on the border of two different worlds, for they provide spaces that house both businesses and innovative technological bases, which are regulated by the logic of markets, and development institutions, research, science and technology related policies that have education and production of scientific knowledge. Experiences are distinct, with different cultures and habits that will live in the same area of development, but primarily should establish an environment of integration and cooperation. Winning this paradigm of conflict between the academic and the business is the first challenge for the deployment of Technological Parks. These parks should absorb the incubators of technology-based companies, characterized by technological innovation, the technological content of its products, processes and services. This paper presents an exploratory research in journals, to identify success factors and practices of quality management in this venture. These results show the success factors of a technological park, the efforts made by the Municipality of Ponta Grossa to implement the Technology Park of Ponta Grossa, and brings the Foundations of Excellence in management, expressing concepts and internationally recognized as translate into practices found in leading organizations of World Class. Organizational values are easily perceived as part of an organizational culture, as practiced by its leaders and professionals of all levels. Identifying these values is considered essential to form a management culture focused on results, thus it will be possible to unite those involved in the project aimed at consolidating this initiative.

Key-words: Technological Park, Quality, Innovation, Technology Transfer.

Referências

ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas. **Portfólio de parques tecnológicos do Brasil**. Brasília: Anprotec. 2008. 78p.

FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **XIII Sondagem industrial: A visão dos líderes industriais paranaenses**. 2008. 52p.

FNQ (Fundação Nacional da Qualidade) – <http://www.fnq.org.br>

IASP (International Association of Science Parks) – <http://www.iaspworld.org>.

OLIVEIRA, F. H. P. **O desafio de implantar parques tecnológicos**. Instituto Inovação, Belo Horizonte, 2008.

PLONSKI, G.A. **A cooperação empresa-universidade: antigos dilemas, novos desafios**. Revista USP. n. 25, p. 32-41, 1995

STEINER, João E. **Parques tecnológicos: Ambientes de inovação**. 2008 41 p.

Dados dos autores:

Nome completo: **Gilberto Zammar**

Filiação institucional: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa.

Departamento: Coordenação de Mecânica

Função ou cargo ocupado: Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Endereço completo para correspondência (bairro, cidade, estado, país e CEP):

Av. Monteiro Lobato, Km 4, s/n, Jd Baraúna, CEP: 84016-210

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefones para contato: (42) 3220-4828

e-mail: zammar@utfpr.edu.br

Nome completo: **João Luiz Kovaleski**

Filiação institucional: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa.

Departamento: Pós Graduação Gestão Industrial

Função ou cargo ocupado: Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Endereço completo para correspondência (bairro, cidade, estado, país e CEP):

Av. Monteiro Lobato, Km 4, s/n, Jd Baraúna, CEP: 84016-210

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefones para contato: (42) 3220-4805

e-mail: kovaleski@utfpr.edu.br

Nome completo: **Silvia Gaia Zanetti**

Filiação institucional: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa.

Departamento: Coordenação de Formação Geral

Função ou cargo ocupado: Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Endereço completo para correspondência (bairro, cidade, estado, país e CEP):

Av. Monteiro Lobato, Km 4, s/n, Jd Baraúna, CEP: 84016-210

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefones para contato: (42) 3220-4800

e-mail: gaia@utfpr.edu.br